

65 ANOS DE ENSINO

Criado como Curso Prático de Ensino Profissional, colégio Philadelpho completa seis décadas e meia hoje

Michelle Monte Mor
Especial para o Diário

“Estudo que levo para a vida”. É assim que Fátima Quintiliano da Silva, 64 anos, técnica em Edificações, relembra dos seus tempos de escola, de quando frequentava a Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Iniciou seus estudos aos 10 anos de idade, na Escola Artesanal, em 1970, passando pelo Ginásio Industrial e fazendo parte da segunda turma do curso de Edificações do colégio, de 1972 a 1974. A história de Fátima se cruza com o do próprio colégio Philadelpho, que neste dia 24 de abril de 2021, completa 65 anos de fundação.

Criada como Curso Prático de Ensino Profissional, a instituição iniciou suas atividades em 1956, com apenas 40 alunos matriculados. Funcionava na rua Antônio de Godoy, no Centro de Rio Preto. Em setembro do mesmo ano, foi transformada em Escola Artesanal, com cursos na área de Mecânica (para homens). Em 1958, veio o curso de Economia Doméstica (somente para mulheres). Em fevereiro de 1965 passou a chamar Ginásio Industrial Estadual de São José do Rio Preto.

Foi somente em 1967 que a instituição ganhou o nome de Ginásio Industrial Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto” em homenagem ao ex-prefeito. Em 1970, com a criação do Colégio Técnico Industrial, a instituição passou a atender alunos do colégio no técnico em Mecânica e Edificações.

Em 2021, foram 760 novas matrículas, com total de 2.171 alunos matriculados nos cursos modulares e cursos sérios. A escola conta com 136 professores, 17 cursos e já formou mais de 30 mil alunos durante essas seis décadas e meia de atividade. O curso de Mecânica ainda é oferecido, sendo o mais antigo da escola.

“Philadelpho é uma escola que tem um conceito muito elevado junto à comunidade de Rio Preto. E hoje oferece um leque grande de cursos e dá oportunidade a vários alunos. Então ela é de suma importância para a cidade e para a região. O aluno já sai com um diploma técnico, praticamente com um emprego garantido. E isso é muito importante para o desenvolvimento e da educação da cidade. Pra mim é um orgulho fazer parte da história da escola”, diz o professor Chafic Balura, que foi diretor do Colégio Técnico Estadual entre 1974 e 1976, a convite do professor Clóvis Sanfêlice, que na época era o diretor do Ginásio Industrial. Juntos, os dois se empenharam na manutenção, na luta por um prédio próprio e no crescimento da escola.

No início da escola, todos estiveram envolvidos na manutenção e no crescimento da instituição, desde diretores, professores, funcionários e alunos. “Estudar na Philadelpho foi um aprendi-

história

Fatos históricos:

■ A Escola Pública Profissionalizante teve início em 1956, com 40 alunos matriculados

■ A Escola Profissional foi autorizada em 1956, pelo governador Jânio Quadros, por meio de um bilhete enviado ao Secretário da Educação Prof. Laurindo: “Vamos instalar a Escola Artesanal de Rio Preto”

■ Por falta de prédio adequado, houve demora na decisão da locação. A prefeitura locou o prédio rejeitado pela inspeção, sem infraestrutura adequada, situado na rua Antônio de Godoy, 3.564, no Centro de Rio Preto

■ Permaneceu 15 anos nesse prédio sem infraestrutura, de 1956 a 1971, com risco de despejo por falta de pagamento de aluguel;

■ De 1971 a 1976, a escola funcionou em um prédio na avenida Brigadeiro Faria Lima, na Vila São José, onde atualmente é o Ambulatório do Hospital de Base.

■ Foram 21 anos de luta, entre 1956 e 1977, para conquista do prédio próprio, na avenida dos Estudantes. O esforço contou com a ajuda da equipe escolar e teve o apoio da Câmara Municipal, da mídia local e da prefeitura, na gestão de Wilson Romano Calil



Prédio Escolar da avenida Brigadeiro Faria Lima, antiga localização do colégio



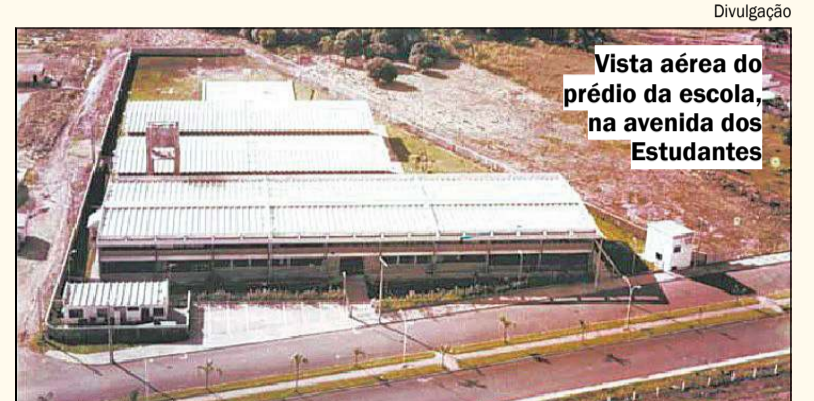
Espaço dedicado à história do colégio

■ Os cursos tiveram início em 1956, com uma classe de 40 alunos no curso masculino de ajustagem mecânica

■ Foi somente em 1958 que começou a funcionar o curso feminino de Economia Doméstica

■ O curso mais antigo da escola é o curso de Mecânica (1956 – 2021).

■ O nome correto do patrono da escola é Philadelpho Manoel Gouveia Neto – seu nome de batismo



Vista aérea do prédio da escola, na avenida dos Estudantes



Frente do colégio: fechado devido à pandemia

■ Hoje a Etec Philadelpho Gouvêa Netto tem 2.171 alunos, 136 professores e oferece 17 cursos

■ Desde outubro de 1993, a Etec Philadelpho Gouvêa Netto faz parte do Centro Estadual de

Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), que está vinculado à Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) do Estado de São Paulo.

zado muito rico. Naquela época (década de 1970), o prédio era adaptado e os professores nos incentivavam muito a colocarmos em prática o que aprendíamos na teoria. No início do curso ajudamos a construir paredes, os muros da escola, fizemos pinturas, montamos pranchetas de desenho, construímos as nossas salas de aula junto com os professores”, relembra Fátima Quintiliano da Silva, ex-aluna do curso de Edificações.

Ao concluir o ensino médio na Philadelpho, Fátima já trabalhava como desenhista. “Fiz um ano de estágio supervisionado e ao final recebi o certificado de técnica em edificações, com registro no CREA. Tenho registro na Carteira de Trabalho desde os meus 19 anos. A Philadelpho me deu uma chance de ter profissão, salário e dignidade. Tive um aprendizado completo, técnico e também com cidadã. Valorizo demais, pois fiz parte de uma transformação. Primeiro, ser mulher em um curso predominantemente masculino. Éramos os primeiros alunos e professores e o curso estava no início, assim como o mercado de trabalho. Além disso, estudávamos em instalações adaptadas e não havia transporte escolar”, afirma.

Alunos viram professores e fazem a história

Foi por causa dela (escola) que me tornei professora, que fiz engenharia civil, que um dos meus filhos fez edificações e hoje é engenheiro civil e outro fez mecânica e hoje é engenheiro mecânico

Maria Lúcia das Neves Gomes, professora de matemática e edificações

ser acompanhada no Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, criado em 2012, pelas professoras Jurema Rodrigues e Sueli Mara Oliani Oliveira. Desde 2014, a curadora responsável é a professora Jurema. Localizado na biblioteca escolar abriga artefatos, obras raras, dados coletados de arquivos permanentes, fotos do acervo escolar, fotos e testemunhos de história oral dos participantes.

Quem também tem muita história para contar sobre a escola é a professora de matemática e edificações Maria Lúcia das Ne-

ves Gomes, 65 anos. Ela iniciou os estudos na Philadelpho em 1971, aos 14 anos, na primeira turma do curso de Edificações. “Eu já fazia o ginásio industrial e, naquela época, o curso de Mecânica era só para homens, por isso fiz edificações. Estudar lá era gostoso. Frequentávamos as aulas de segunda a sábado à noite. E ninguém faltava! E aos domingos, às vezes tinha aula prática de levantar parede e topografia”, explica a ex-aluna e hoje professora da instituição.

Há 45 anos lecionando, Maria Lúcia revela que, prestes a se

aposentar, ainda não está pronta para deixar seus alunos e a escola onde se formou. “A Philadelpho foi tudo para mim. Foi por causa dela que me tornei professora, que fiz engenharia civil, que um dos meus filhos fez edificações e hoje é engenheiro civil e outro fez mecânica e hoje é engenheiro mecânico. Ah! E meu marido é técnico em mecânica. Tudo na minha vida partiu dali e por isso eu amo a Philadelpho até hoje e ainda não estou pronta para parar de lecionar, pois gosto muito de estar lá e fazer parte daquela família”, afirma.

Outro professor que tem a história ligada à da Etec Philadelpho Gouvêa Netto é Humberto Cecconi, de 50 anos. O pai dele, Arnaldo Cecconi, foi um dos fundadores da escola. “Nasci em 1971 e meu pai já dava aulas lá. Por isso, frequento a Philadelpho desde criança. Como sempre gostei de informática, resolvi fazer o curso técnico”, conta o professor, que hoje também é coordenador do curso de Desenvolvimento de Sistemas na Etec. (MMM)

■ SOLIDARIEDADE

Loja maçônica Cosmos pede doações para famílias carentes

Da Redação

A Loja Maçônica Cosmos de Rio Preto criou a campanha “Quem tem fome não tem escolha”, com o objetivo de arrecadar cestas básicas para doar à famílias que estão passando necessidade.

“Nós somos uma instituição que procura fazer ações solidárias há muitos anos. Ano passado arrecadamos para o dia das crianças, por exemplo, e nesse ano, pensando que estamos em um tempo que nunca vimos tanta gente passan-

do necessidade, decidimos criar esta campanha para tentarmos melhorar a vida de algumas pessoas”, contou o criador do conceito da campanha, João Paulo Vani.

Em uma semana, a campanha já arrecadou 3 toneladas de alimentos e o intuito é arrecadar muito mais. “Estamos pedindo as doações em dinheiro, pois assim conseguimos entregar cestas iguais para todo mundo. O dinheiro é transferido para o Instituto Cosmos, para que a compra seja feita e depois é só montar as

cestas básicas e fazer as doações, que serão entregues para as instituições Cosmos e Fulbeas e eles repassarão para as famílias que eles assistem”, explica João.

A campanha vai até o dia 16 de junho e a doação pode ser feita por depósito ou transferência: Banco 748, Banco Cooperativo Sicredi SA – Bansicredi, agência 3003, conta-corrente: 28518-8. Favorecido: Instituto Cosmos de São José do Rio Preto, CNPJ: 39.663.842/0001-69. (Colaborou Emanuelle Cristina)

■ DO FACEBOOK

Procon quer mais informações sobre política de privacidade

Agência Brasil

Após ter se reunido com representantes do Facebook, o Procon-SP decidiu notificar a empresa e pedir mais informações sobre as mudanças na política de privacidade do WhatsApp, que devem ocorrer no dia 15 de maio.

O Facebook é detentor do aplicativo para troca de mensagens. Com as novas regras, o WhatsApp vai passar a compartilhar dados com usuários do Facebook. Aqueles que não aceitarem

as novas regras, não poderão mais utilizá-lo. A mudança afetaria, inclusive, as pessoas que utilizam o WhatsApp para fazer transações bancárias e que não desejariam ter seus dados compartilhados com o Facebook.

Especialistas questionam que essa obrigatoriedade fere a Lei Geral de Proteção de Dados e o Código de Defesa do Consumidor e ainda trata o Brasil de forma diferente a outras regiões do mundo, onde essa condição não tem sido aplicada.

Ao final da reunião, o Procon entendeu que havia necessidade de mais esclarecimentos por parte da empresa e fez a notificação.

Agora, o Facebook deverá prestar informações sobre quais serão as mudanças na política de privacidade, tanto no tipo de conta que já existe, que é de interlocução com um titular de conta WhatsApp apenas, quanto no novo tipo de conta – o WhatsApp business – que é de interlocução com uma conta comercial acessada por uma coletividade de titulares.